

CAPÍTULO 2

Percepções do lado de dentro¹

2.1 Sondando o pensar dos moradores

Para muitos paraenses, o primeiro contato com a casa RQP acontece pelo lado de fora: as fachadas são reconhecidas no seu trajeto diário pela cidade ou ao rolar o *feed* de suas redes sociais. Diante das obras, é comum manifestações de afeto, considerando o Raio que o parta um exemplar do patrimônio arquitetônico do estado. Por outro lado, também é frequente encontrarmos um e outro caso de reformas e demolições que apagam essas mesmas casas. Se, do lado de fora, o RQP é valorizado, o que pensam aqueles que vivem pelo lado de dentro?

A pesquisa junto a municípios paraenses onde se reconhece a presença do RQP buscou responder essa e outras perguntas (Costa, 2023). Entre 2020 e 2022, foram realizadas 155 entrevistas semiestruturadas com moradores, vizinhos e proprietários de casas RQP em Belém, Abaetetuba, Bragança, Cametá, Soure, Salvaterra e Santarém. O roteiro de perguntas visava a investigar as origens da construção, modificações passadas e pretendidas, a relação entre o entrevistado e o imóvel, e o conhecimento sobre o RQP.

1 Este capítulo é uma adaptação dos dados obtidos por Laura Caroline de Carvalho da Costa em sua tese *Raio que o parta: arquitetura como imagem e sua resignificação no Pará* defendida em 2023.

As entrevistas destacaram a conexão emocional entre os moradores e as residências, ancorada em memórias familiares e na necessidade de morar em um lugar confortável, além de tornarem evidente o anseio por aprimoramentos no imóvel e sua modernização. O termo “moderno”, nesse contexto, representa o que está atualmente em voga em termos de pintura, mobiliário e revestimentos, uma condição efêmera que logo se torna obsoleta diante do surgimento de uma nova tendência.

Rouanet (1987) propõe que, em vez de uma ruptura com a modernidade antiquada, o que ocorre é uma consciência de ruptura, considerando que o distanciamento pretendido não ocorre em seus aspectos fundamentais. Sendo assim, acredita-se que a intenção de modernização do RQP se assemelha àquela que inspirou a própria manifestação, pautando-se mais na consciência de atualização da estética produzida na contemporaneidade do que no rompimento radical com a estética anterior, e tal atitude pode ser observada nas fachadas em que os mosaicos de azulejos são removidos para dar lugar a revestimentos cerâmicos nos quais as estampas imitam aqueles mosaicos.

A arquitetura de cada sociedade é resultado não somente do clima local e dos recursos disponíveis, mas é também influenciada por valores, forma e costumes, sendo uma expressão da identidade daquela cultura. A vida rural e urbana são expressões da cultura amazônica, e a arquitetura produzida nesses ambientes tem estreita ligação com as narrativas míticas que influenciam o imaginário humano e suas criações artísticas, permeadas pelo viés estetizante e poetizador, segundo Paes Loureiro (2015).

No estado paraense, o modernismo delineou a cultura arquitetônica urbana em meados do século XX, e as construções idealizadas por arquitetos e engenheiros têm seu valor enquanto patrimônio e identidade para a região cada vez mais enfatizados, conforme atestam Chaves, Beltrão e Dias (2020). Da mesma maneira, pode-se dizer que, no contexto de produção não erudita que assimilou o modernismo, o RQP se apresenta como manifestação arquitetônica em busca de enquadramento, cujo processo consiste no estudo da relação entre as obras e seus usuários, que interferem na materialidade por meio de permanências e apagamentos.

2.2 Onde se vive: a casa RQP

As primeiras perguntas feitas aos proprietários e moradores buscavam conhecer a época de construção e autoria das construções. Ao responder, o entrevistado poderia associar a idade da casa a acontecimentos familiares, como mudança para o

local e casamento dos pais, até à idade do morador. Essas questões iniciais estimularam algumas pessoas a recordarem do cotidiano da rua e do bairro em meados do século XX, inserindo a casa no contexto e história das cidades.

“Em [19]61, [19]62... O meu pai fez essa casa quando ele completou 25 anos de casado com a minha mãe”. (Salvaterra)

“Na época que fizeram, aqui era só lama, não tinha asfalto, não tinha nada. Aí construíram a casa e não pensaram que um dia ia passar o asfalto, que levou quarenta anos pra passar, meu pai morreu sem ver o asfalto.” (Belém – Pedreira)

Se soubesse quem construiu o imóvel, o morador dizia o nome do engenheiro, mestre de obras ou pedreiro, especialmente se o autor fosse o próprio entrevistado, um parente ou amigo da família que contribuiu com o desenho da planta e dos painéis. Embora não fosse uma pergunta inicial, os materiais construtivos poderiam ser citados nesses momentos, e então começamos a perceber que eles também podem influenciar na decisão de preservar ou modificar a obra. Muitos exemplares RQP foram erguidos sob a técnica da taipa de mão (que o morador chama de “casa de enchimento”), e a deterioração do material causa receio e insegurança; por outro lado, as edificações em concreto e alvenaria de tijolo costumam ser enaltecidas, devido à resistência do material e à espessura das paredes.

“Não tinha cimento, não tinha lajota nem tinha argamassa, então as casas eram feitas tudo de barro tirado no quintal, só o barro, aí eles compravam essas estacas, porque ela era toda de acapu, acapu e macacaúba, as estacas eram tudo que Deus o livre, você cortava uma...ela tava cheirando com todos esses anos”. (Belém – Pedreira)

“Aqui, eu mandei reformar, daí o cara quebrar a parede pra furar, pra botar alguma coisa, botar as tomadas novas, essa coisa toda, ele disse ‘égua... que diabo de parede é essa sua, que é tão dura que quebrou até a broca?’, quebrou não sei quantas brocas... era cimento mesmo, era cimento bom”. (Bragança)



Figura 2.1 O sr. Ivan Veloso, advogado e ex-secretário de obras de Cameté, desenhou a própria casa e a do amigo.
Fonte: Laura Costa, 2021, e acervo LAMEMO.



Figura 2.2 Residência RQP feita em concreto, em Bragança.

Fonte: Laura Costa, 2020



Figura 2.3 Residência RQP feita em barro ("casa de enchimento") e alvenaria de tijolo.

Fonte: Laura Costa, 2023

Pela indicação dos moradores, alguns construtores e suas técnicas ficaram conhecidos, e o contato com essas pessoas revelou sua visão sobre as obras décadas depois de construídas, como o impulso criativo por trás da confecção dos painéis, pensados principalmente para decorar as fachadas. Em suas falas, observou-se que demonstram apreço pelas casas que ergueram e defendem sua preservação.

“Isso aí eu coloquei só mesmo pra dar um enfeite... foi assim... tava muito simples, vou inventar um desenho, aí deu nisso... eu achei bonito... aqui não tinha muito, mas aonde eu passei, numa cidade aí, eu vi lá... aqui em Belém... eu adoro a minha profissão, muito mesmo, e mais esses detalhes!”. (Cametá)



Figura 2.4 O construtor Luiz Sales em frente à sua casa RQP, em Cametá.
Fonte: Laura Costa, 2021.

2.3 O que se vive: o olhar do morador

Ao questionar o morador sobre a casa, alguns a percebiam por seu aspecto funcional (ventilação, tamanho e distribuição dos espaços), mas, em relação às características fundamentais do RQP (como os painéis), demonstravam indiferença ou diziam não gostar. Em outros casos, a resposta inicial era o silêncio; instados a dizer se achavam bonito ou feio, diziam não saber, porque nunca haviam reparado na fachada e desconheciam o significado daqueles desenhos, os quais teriam sentido

para quem os idealizou, ou a pessoa os fez sem ter conhecimento do que era. Então, o entrevistado poderia relacionar os raios e as figuras geométricas a alguma referência visual conhecida.

“Parece a casa do Flash”. (Abaetetuba)



Figura 2.5 A “casa do Flash”, em Abaetetuba.

Fonte: Laura Costa, 2020.

Uma percepção comum entre os moradores é a que considera o RQP como casa antiga, arcaica ou velha. Nesse contexto, a arquitetura dos raios se relaciona às construções do estilo colonial ou classicizante, em particular as que são revestidas com azulejos na fachada; por outro lado, essa antiguidade do RQP era percebida como mais recente, visto que as casas modernas são mais novas que as dos estilos mencionados anteriormente. Outras qualificações atribuídas ao antigo são “interessante”

ou “feito”, podendo indicar a possibilidade futura de reformas ou justificar alterações já empregadas, e o morador acrescentava que essas mudanças não ocorriam por gosto, mas por necessidade.

“Aquela época foi feito assim... não é que eu não goste, é porque tá antigo, tem que mudar...”. (Bragança)

Outras narrativas produzidas pelos moradores mostram que a casa RQP é vivida e percebida nas lembranças e no cotidiano, fatores que interferem nas decisões sobre permanências, tombamento e reformas. A caracterização da casa como antiga é uma qualidade que a destaca das obras contemporâneas por sua permanência na cidade e por abrigar memórias familiares e do bairro. Quando o entrevistado a percebe como integrante da história da cidade, pode mostrar-se favorável à sua preservação, pois a vê como relíquia ou algo original e raro.

A casa costuma representar a conquista da família, representada pelo esforço de seus pais na compra ou na construção. É o lugar dos momentos felizes da infância, recordados com emoção; a admiração pela casa é expressa principalmente quando o autor da obra foi o pai/a mãe do entrevistado. Observou-se que a preservação pode ser determinada pelo vínculo afetivo que resulta das memórias familiares, uma vez que reformar a casa RQP implicaria contrariar os pais (que compraram o imóvel com aquele aspecto) ou apagar o seu legado (quando foram os construtores ou idealizadores). O morador pode enfatizar a funcionalidade do projeto, compatível às necessidades familiares, mas a estética RQP pode ser vista como algo “normal” ou que não havia sido observado, percepção que também foi constatada entre moradores que não possuem vínculo familiar com quem construiu a residência.

“Pra mim é uma referência à minha infância, hoje a gente não vê mais, ninguém constrói... ou foi substituído por um produto de outra forma, com certeza, porque as coisas evoluem, mas pra mim é assim, é a casa em que eu me criei... eu fui muito feliz aqui... ainda sou [chora]... recordo muito do meu pai, ele suou muito pra fazer essa casa”. (Belém-Pedreira)

Geralmente vistos com estranhamento ou como reprodução de uma tendência da época, os painéis de mosaicos despertam curiosidade quanto ao significado, mas percebeu-se que o interesse pelo trabalho é maior quando o tema é figurativo. Ao ser questionado sobre o que o painel RQP representa para si, o entrevistado, que não possui relação com a família que a construiu, responde usando termos como “curioso”

e “diferente”, mas também pode se referir ao painel como “marca”, “símbolo” ou “original”, e o construtor é visto como artista. Por outro lado, o desconhecimento do significado dos desenhos não impede que os proprietários admirem e conservem a obra; isso ocorre devido à conexão que esses desenhos têm com o legado deixado por seus pais ou avós.

É evidente um contraste entre o foco no passado, refletido no apego à materialidade da casa RQP, e o interesse pelo presente: por mais que a casa tenha sido construída pela família e traga recordações felizes, seu estilo não está alinhado às tendências atuais. Ambos os enfoques podem propiciar mudanças na casa, mas aqueles que se voltam para o momento presente são motivados tanto pela necessidade quanto pelo desejo de modernização. Por outro lado, o que olha para o passado tende a preservar as características Raio que o parta porque o lugar representa para ele/ela “memórias de um passado que não volta mais”, refletindo uma perspectiva saudosista.

“Isso representa memórias de um passado que não volta mais, todo tempo é aí, e eu não vou trocar essa frente, a menos que um dia, não sei, daqui com um tempo eu vá embora, vai ficar nossos filhos, se eles vão querer derrubar, a gente nunca sabe das coisas. Eu acho bonito isso, eu gosto de coisas antigas, eu sou feito do passado... meus móveis são tudo antigo”. (Belém – Guamá)

2.4 Sobre a intenção de manter ou apagar

Reformas em uma casa RQP são passíveis de ocorrer mesmo quando há interesse em manter suas características: entre as modificações mais comuns (sejam as já efetuadas ou pretendidas) estão a troca de esquadrias, piso e forro de madeira e acréscimo de pavimentos.

Os relatos se dividem entre a manutenção das características RQP e sua eliminação. Os que compõem o primeiro caso têm na relação afetiva e nas memórias que a materialidade desperta o principal motivo para preservar a casa, e o proprietário busca manter ou mesmo reconstruir seus traços originais, ação que se assemelha à restauração; por outro lado, os que desejam modernizar o imóvel planejam reformas que são entendidas como forma de valorização. Alguns entrevistados afirmaram perceber a obra como patrimônio histórico da cidade, sendo por vezes influenciados a preservar a residência pela opinião de vizinhos ou pessoas que pedem para fotografar a fachada.

“Quando as pessoas começaram a admirar, que eu disse que vou mandar tirar, aí uma pessoa disse ‘por que tu vai mandar tirar?’... aí foi que eu me interessei em

pesquisar o porquê disso. Eu entendi esse significado, o Raio que o parta... essas coisas negativas”. (Salvaterra)



Figura 2.6 Casa RQP em Jubim, vila próxima a Salvaterra.
Fonte: Laura Costa, 2021.

Os motivos mais comuns para efetuar modificações na casa RQP são: o desejo de modernidade ou a necessidade de melhorias (Costa, 2023). A remoção dos elementos fundamentais do RQP costuma ser uma das ações resultantes do desejo de modernidade, pois o proprietário vê os painéis como antigos ou tem dificuldade em recompor os cacos que se perdem, pois não são mais comercializados. Entretanto, para outros moradores, a visão da casa como antiga também pode incorporar um valor histórico para a cidade.

“Mas isso é antiga, é porque essa tava precisando de reforma. Essa reforma foi uma necessidade”. (Bragança)

“A gente vai mandar tirar porque tá caindo, elas [as peças de azulejo] tá soltando do cimento porque com o tempo...”. (Belém – Pedreira)

A indiferença também está presente no olhar de alguns moradores e proprietários de casas RQP, o que pode interferir em futuros apagamentos. Quando o

morador pretende mudar de endereço ou o imóvel está em processo de venda, ocorre por vezes um certo desinteresse quanto ao futuro da casa, mesmo quando esta evoca memórias afetivas, considerando que em muitos casos a posse do imóvel – e, por consequência, a decisão sobre ele – é compartilhada entre herdeiros dos parentes que a construíram, e o entrevistado pode expressar um sentimento de impotência em relação ao que será feito.

No contexto das perguntas sobre permanências e apagamentos, certos entrevistados mencionavam o assunto “patrimônio”, citando o tombamento como instrumento de proteção da casa, e ambas as palavras eram, na maioria das vezes, envolvidas de preocupação, pois, caso sua residência fosse tombada como patrimônio histórico, haveria (segundo o proprietário) diversas restrições para realizar melhorias na casa, além de diminuir o valor de venda do imóvel. Por considerar que não há suporte governamental na manutenção das casas, a crença mais comum observada entre os entrevistados é a de aceleração de degradação das obras a partir do tombamento. Por outro lado, há moradores que acreditam no instrumento para garantir a permanência da materialidade do RQP, bem como estimular o turismo na região.

“O tombamento histórico patrimonial é válido, mas se a gente tivesse um país que cuidasse. Mas, toda vez que eu vejo que é tombado pelo patrimônio, pode ver, ele vai virar ruína”. (Soure)

“Eu digo que essa casa, o pessoal pergunta, ‘Eu não posso mexer nessa casa porque ela é tombada pelo patrimônio’. Eu que falo em tom de brincadeira”. (Belém – Pedreira)

Também foi investigado se havia conhecimento sobre a arquitetura RQP, citando a casa do entrevistado como um exemplar. Quando já se sabia sobre o assunto, a maioria das pessoas cita o conteúdo divulgado nas redes sociais ou na televisão como fonte de informação, além de casos em que são abordadas por estudantes ou pessoas que pedem autorização para fotografar a casa. Nesse contexto, a curiosidade do morador é despertada pelo olhar de fora, seja pelo contato com aqueles que admiram o RQP ou pelo conteúdo produzido sobre o tema entre os veículos de comunicação, estimulando-o a pesquisar sobre o assunto e procurar obras semelhantes à sua.

“Eles fizeram não sei o que do diabo, do demônio... eu me esqueço como é o nome disso [ao ouvir o nome, começou a rir]... Isso! Eu sabia que tinha alguma relação! Eu não sabia o que era até um rapaz me pedir pra botar numa revista e

disse que ia mandar as fotos... Ele disse ‘posso bater?’; ‘Pode, não tem problema, qual o nome disso aí?’ Aí ele não me falou e eu fui procurar pela internet e vi que era Raio que o parta, aí eu disse ‘eu acho que o homem não disse porque tinha relação com o demônio e o homem não quis me dizer!’... Eu acho que, na época, isso era muito popular, todo mundo fazia. Antigamente tinha, é que o pessoal vai reformando as casas... por exemplo, aquela casa de dois andares ali tinha, o homem tirou... deve fazer 10, 15, não, mais de 15 [anos]... mas aqui tinha um monte de casas com esse desenho e agora não tem, só tem a minha... eu tive pesquisando e não tem mais muito”. (Belém – Marco)

A noção do RQP como algo antigo é uma percepção frequente, em que se caracteriza a manifestação como tendência de uma época que reproduziu casas segundo um estilo. Há, também, curiosidade sobre o que os desenhos nas fachadas significam, sendo observados com estranhamento; essa reação, somada ao riso, costuma ocorrer diante da expressão Raio que o parta, em virtude do seu significado original ser pejorativo.

“Como é o nome? Raio que o parta? Ave Maria, Deus me livre e guarde!”. (Santarém)

“Eu sempre soube, porque naquela época esse pessoal que trazia isso era de Portugal, os portugueses que inventaram essas coisinhas, colocar essas pedrinhas... e a mamãe sempre me disse. Uma vez eu perguntei: mamãe, por que esses raios? – raio que te parta!”. (Belém – Guamá)

Em suma, observa-se que, embora a ideia de casa antiga esteja presente nas falas que tratam tanto da percepção da própria casa quanto da arquitetura RQP de forma geral, há distinções de ideias de acordo com a questão que lhe é direcionada. Quando o entrevistado é perguntado sobre sua residência, os relatos costumam associá-la, em ordem de recorrência, ao valor de antiguidade, memórias da família, juízo estético e indiferença quanto ao significado. Ao ser interrogado sobre o conhecimento da arquitetura RQP, o que fica evidente é a visão que se complementa com o que é percebido pelo olhar de fora, seguida por curiosidade acerca dos desenhos abstratos, relação com a arquitetura portuguesa e seus azulejos ou visão supersticiosa diante da expressão que nomeia a manifestação.

2.5 Reflexões sobre o olhar de dentro

Conhecer a casa RQP nos permite entrar em contato com o contexto da cidade, quem a fez e suas motivações, e esses detalhes são tão importantes quanto o olhar

das pessoas que vivem o RQP pelo lado de dentro. O conjunto de significados emerge espontaneamente nas histórias da família e dos momentos felizes da infância do morador, que se comove ao traduzir em palavras o que a casa representa para ele/ela.

A perda de obras que assimilaram o modernismo no Pará envolve fatores que precisam ser considerados, entre eles a necessidade de melhorar a estrutura deteriorada de algumas casas; mesmo que o morador/proprietário valorize a estética RQP de sua residência, algumas dessas alterações são iminentes e poderão alterar drasticamente a fachada e o interior das edificações. Entre as principais razões para o apagamento está a dificuldade na aquisição de azulejos similares que compõem os mosaicos para substituir fragmentos ausentes, além da carência de acompanhamento feito por arquiteto nas reformas que pretendem conservar os elementos fundamentais.

Quem vive na casa RQP costuma valorizá-la pelas lembranças e pelo legado familiar manifestado na construção; com frequência, o morador toma consciência da manifestação arquitetônica por meio do contato com o olhar de fora, conferindo à residência significados que se somam aos já existentes (a respeito das memórias afetivas) ou alterando-os (como os relacionados ao valor de novidade, segundo Riegl, 2022). Mesmo assim, a resignificação pode estimular tanto a preservação quanto o apagamento, considerando a percepção do morador acerca do tombamento como ação restritiva às intervenções para manter a casa.



LIP Comercial Ltda.
SOLUÇÕES EM INFORMÁTICA E TELECOMUNICAÇÕES

Fonte: Juliana Pereira, 2023.

